

O LUGAR ONDE MORO EXISTE EM MIM

O lugar onde moramos representa uma extensão de nossa identidade, é com ele que vamos construir o quadro de afetividades, laços familiares, de amizade e, principalmente, nossas memórias. Se o lugar que vivemos sofre, também sofreremos com ele. É com esse sentimento de pertencimento e cidadania que os moradores da comunidade do Igarapé da Cachoeirinha, em Manaus (AM), lutam pela sobrevivência do seu “lugar”, pela dignidade e, por que não dizer, pela harmonia entre homem e natureza.

Na comunidade do Igarapé da Cachoeirinha vivem 25 mil habitantes, cortando três importantes bairros da capital amazonense (Petrópolis, Cachoeirinha e Raiz), na zona sul da cidade. Ali, homens, mulheres e crianças vivem em condições de extrema insalubridade, as vias são pontes de madeira que apresentam em todo o seu percurso um enorme perigo, tornando-se reflexo da total falta de compromisso por parte dos gestores públicos.

Uma das formas que a Comunidade Nossa Senhora do Perpétuo Socorro encontrou para discutir os problemas resultantes do descaso do Poder Público com a comunidade foi se organizar e aglutinar várias representações comunitárias do Igarapé da Cachoeirinha (além da própria Comunidade Nossa Senhora do Perpétuo Socorro e da Comunidade São José, a Igreja Evangélica Jesus da Galileia, o Grêmio Recreativo Unidos da Ponte, a Associação de Moradores do Igarapé da Cachoeirinha e diversas lideranças), objetivando solucionar os problemas enfrentados pelos moradores.

Diante das dificuldades, como os alagamentos que destroem os móveis e as casas, disseminam doenças e acumulam grandes quantidades de lixo, os moradores perceberam a necessidade da organização para buscar melhores condições de vida. Foi em 1997 que os comunitários, por meio do Fórum do Orçamento Público, apresentaram emendas ao Orçamento da Prefeitura, visando aprovar recursos para a Drenagem do Igarapé da Cachoeirinha. Entre aquele ano e 2000, as emendas apresentadas pela comunidade foram rejeitadas pelos vereadores que apoiavam o então prefeito da cidade (hoje ministro dos Transportes), Alfredo Pereira do Nascimento, mesmo grupo político do seu sucessor, Luiz Alberto Carijó, eleito pelo voto indireto da Câmara de Vereadores para um mandato de pouco mais de nove meses¹.

Depois de muita luta, os moradores conquistaram a aprovação de emendas aos orçamentos de 2001, 2002 e 2003, o que não foi suficiente para garantir a implementação das obras. Para que a lei fosse cumprida foi necessário que a comunidade pressionasse por meio de passeatas realizadas em frente às instituições públicas, tais como a Câmara de Vereadores, a Secretaria Municipal de Obras, a Prefeitura e os diversos meios de comunicação. Somente em maio de 2003 a Prefeitura começou a drenagem do Igarapé da Cachoeirinha.

Após ter passado mais de um ano do início da drenagem, em razão das fortes chuvas que são comuns na região, desabaram treze casas, provocando assim

¹ O atual prefeito de Manaus, Serafim Fernandes Corrêa, do Partido Socialista Brasileiro (PSB), tomou posse no dia 1º de janeiro deste ano (Nota da Redação).

uma enorme tristeza, além da perda da auto-estima dos moradores, de sua cidadania e dignidade. Mesmo diante de uma situação emergencial, Alberto Carijó, de forma irresponsável, desistiu de fazer a drenagem do Igarapé da Cachoeirinha, apesar do orçamento para a obra já ter sido aprovado. Diante desse fato, o governo do estado agiu com seu plano emergencial, retirando aproximadamente quinhentas famílias cujas casas corriam risco de desabamento, levando-as para o bairro Nova Cidade.

Após a retirada dos moradores e o fim das fortes chuvas, o governo ficou silencioso, retornando três meses depois com uma proposta milionária. Em assembléia organizada pelo governo, na qual os líderes da comunidade não tiveram oportunidade de falar, pois sempre que alguém o fazia o som era cortado, foi apresentado um plano de urbanização que não responde aos anseios da comunidade, na medida em que prevê a retirada de moradores e a construção de um enorme *shopping center*, de praças e áreas de lazer, ou seja, valorizando propriedades vizinhas e alguns empresários. Esta proposta não foi aprovada, pois os moradores fizeram pressão e o governo retirou-se, para, talvez, retornar num outro momento.

Percebemos que só a drenagem do Igarapé da Cachoeirinha não é o suficiente. Hoje, a maioria dos igarapés está contaminada. A fragilidade do Estado em desenvolver Políticas Públicas para a recuperação de nossa maior riqueza – a água – é um fato. A luta dos moradores é para que seja efetivado um projeto humano de urbanização que contemple o indivíduo em toda sua dimensão, que seja uma construção coletiva, não uma imposição institucional. O **Movimento pela Drenagem** é hoje a expressão de que cada homem e cada mulher envolvidos são sujeitos no processo de construção de sua própria história.

MOVIMENTO PELA DRENAGEM DO IGARAPÉ DA CACHOEIRINHA

E-mail: ntesandra@bol.com.br